

VIDA MELHOR

Roberto Rodrigues*

Pela segunda vez consecutiva o Índice de Confiança do Agronegócio cresceu no terceiro trimestre de 2016. O maior crescimento se deu entre os agricultores, chegando a 110,7 pontos, o que foi 6 pontos acima do trimestre anterior e 24 pontos acima do mesmo trimestre do ano passado. Mas até entre os pecuaristas o índice foi de 100,7, mostrando uma melhor de expectativa para o setor, embora mais modesta.

Veremos no quarto trimestre qual será o efeito da eleição de Trump nos Estados Unidos e das ações de Temer no Brasil sobre o animo das cadeias produtivas todas. Seja como for, já está sendo plantada com excelente tecnologia uma grande safra de grãos de verão, e se as condições de clima forem favoráveis (como se espera), teremos outro recorde de produção em 2017.

Isso traz de volta uma antiga discussão sobre o impacto do custo dos alimentos sobre os gastos das famílias brasileiras. É sabido que o aumento da produtividade agrícola em função da tecnologia aqui desenvolvida e aplicada levou a significativa redução desses custos. Segundo dados do DIEESE, por exemplo, em janeiro de 1975 a cesta básica equivalia a 75% do salário mínimo vigente e em janeiro de 2015 o valor era de 47%, devendo ficar perto de 50% neste dezembro de 2016.

Como esse dado fica um pouco turvo por causa da variação real do salário mínimo, vale citar outro estudo, o POF- Pesquisa de Orçamento Familiar realizado pelo IBGE: em 1975 as despesas com alimentos das famílias brasileiras correspondiam a 33,9% de seus gastos totais e, em 2009, último ano em que a estatística foi realizada, caiu para 19,8%. Mais relevante ainda é o dado da diminuição do valor real da cesta básica de 1975 a 2015: 42%.

Não há dúvida, em nenhum estudo realizado, quanto à notável contribuição da tecnologia tropical sustentável desenvolvida no Brasil para a redução relativa do custo de alimentos. Naturalmente, isso favoreceu a melhoria da qualidade de vida da população.

Aliás, outros números mostram isso exaustivamente. Entre os componentes da cesta básica, houve um significativo aumento de consumo per capita entre 1975 e 2015: o da carne de frango foi o mais destacado, da ordem de 945%, seguido por carne suína (105%) e bovina (100%). O consumo de leite cresceu 58%, o de açúcar subiu 35%, o de café 45% e o de óleo de soja 220%. Em compensação o consumo de arroz diminuiu 16% e o de manteiga despencou 49%. Infelizmente não temos a série histórica quanto ao consumo de frutas, verduras e legumes porque da cesta básica só constam o tomate e a banana, além da batata. E é evidente que produtos pouco usados há 40 anos são hoje muito mais comuns, como é o caso da laranja, da maçã, da uva, e de muitos legumes e verduras usados em saladas como couve flor, repolho, beterraba, ervilha, palmito, berinjela, cenoura, brócolis, pimentão, rabanete, e tantos mais.

A expectativa de vida do povo brasileiro cresceu 23% nesse mesmo período. É claro que isso se deve a muitos fatores, como o crescimento

econômico do país, o acesso à água tratada e a rede de esgoto, mas seguramente a melhoria do consumo de alimentos teve forte participação também no maior tempo de nossa permanência neste mundo. E em melhores condições físicas!

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio**